



## GT 017. Antropologia das Relações Humano-Animal

Andréa Barbosa, Osório Sarandy (UFF) -  
 Coordenador/a, Flávio Leonel Abreu da Silveira  
 (UFPA) - Coordenador/a

O campo das relações humano-animal, ou Animal Studies, teria emergido na década de 1970 em meio a movimentos de proteção animal que, não obstante, remontam ao século XIX. Na verdade, os animais participam das análises antropológicas há muito tempo. Algumas análises identificaram dois paradigmas correntes: um que pode ser chamado de materialista, em busca do animal "real"; e outro semiótico, pós-estruturalista ou simbólico, em busca de representações. Mais recentemente, a emergência de reflexões sobre o perspectivismo ameríndio realçou a centralidade dos animais em aspectos da vida religiosa e cosmológica de populações ameríndias, com um forte impacto nas conhecidas relações entre natureza e cultura. O presente Grupo de Trabalho pretende ser um espaço para reflexões teóricas e pesquisas empíricas acerca das relações entre animais humanos e não humanos, a partir de um viés antropológico. Serão aceitos trabalhos tanto sobre as percepções simbólicas quanto sobre relações concretas materiais entre ambos. Entre eles, destacam-se produções voltadas aos animais de estimação, de abate, de tráfico, animais da fauna silvestre brasileira ou estrangeira, caça, criações, rinhas, concursos, turismo, animais de laboratório; em meio urbano, rural ou entre populações ameríndias e mesmo fora do continente americano; relações cotidianas, científicas, religiosas, alimentares, ideológicas, morais, artísticas, legislativas, políticas públicas, saúde, entre outras possibilidades.

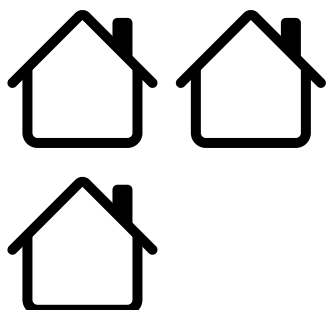
### Notas etnográficas sobre relações multiespécies no semiárido

**Autoria:** Gabriel Holliver Souza Costa

“Quem tem gado é escravo dele” foi uma frase que muito ouvi de meus amigos. Vacas, ovelhas, cabras, porcos, galinhas são animais de criação e exigem cuidado diário tanto no período da chuva quanto no período da seca. Os animais consomem o tempo dos agricultores, é preciso tirar o leite, colocá-los para pastar, recolher a noite para o curral, e inclusive boa parte da agricultura é direcionada para alimentar esses animais. Situados no Médio Sertão da Paraíba, em meio a um regime de sazonalidade rigorosa onde chove-se por cerca de três meses, agricultores autodenominados por “experimentadores” tecem relações com seus animais de criação e com outros animais silvestres que habitam em seus sítios. No roçado também habitam animais, raposas, cobras, camaleões e insetos que interagem com plantas e humanos. Um plantio de arroz serve como exemplo de um emaranhado multiespécie, o pardal faz seu ninho na própria planta, garças ali se alimentam, sapos, lagartas, baratas d’água, ratos, cobras, sanguessugas habitam o chão, enquanto no alagado vivem peixes. Os movimentos dos animais são ainda fonte de conhecimento, muitas das “experiências” que produzem previsões climáticas acerca da possibilidade e da intensidade das chuvas no período de inverno se baseiam no comportamento de animais para produzirem seus diagnósticos. Animais servem para ser criados, comidos e caçados. Podem também ser protagonistas de transformações revolucionárias, como se deu no fim da década de 1980 com o surgimento de um inseto conhecido popularmente na região como o bicudo. Este nunca antes visto na região, provocou fim a hegemonia do sistema de plantation que dominava e sustentava a economia local a partir do cultivo de algodão. Esse animal, assim como outros, nem sempre desejáveis, fazem parte das relações multiespécie e em muitos casos são fontes de conhecimento. Neste ensaio através de histórias que presenciei e outras que ouvi busco tecer notas acerca das relações com espécies companheiras e espécies de companhia com que se engajam agricultores familiares camponeses que habitam o médio sertão.



**Realização:**



**Apoio:**



**Organização:**

